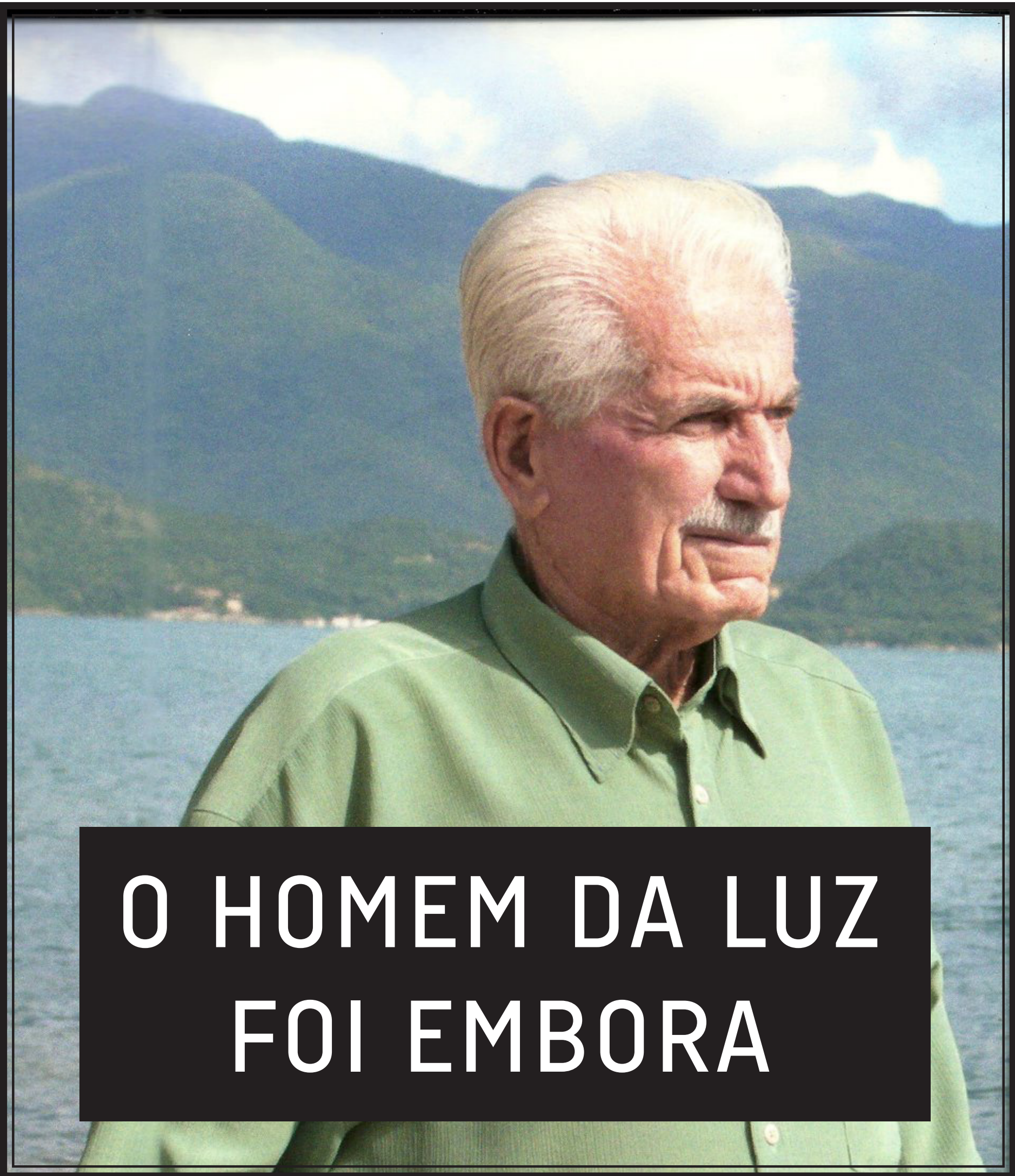


LV 30 anos

DESDE 1988 AO LADO DOS TRABALHADORES



INTERCEL | INTERSUL | JORNAL LINHA VIVA Nº 1441 - 14 DE FEVEREIRO DE 2019

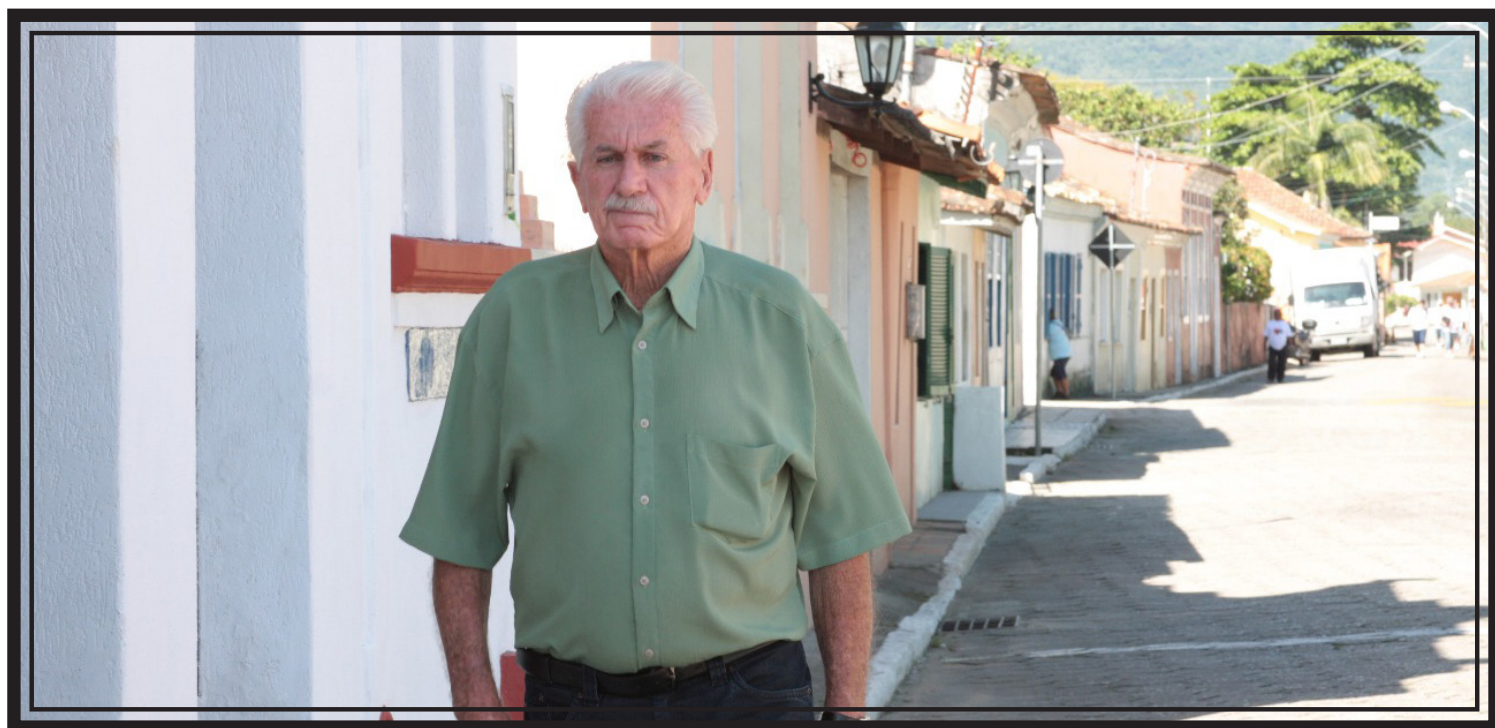


**O HOMEM DA LUZ
FOI EMBORA**



O HOMEM DA LUZ FOI EMBORA

por Luiz Cézare Vieira e Paulo Sá Brito



O Homem da Luz, como era conhecido no Ribeirão, chegou naquele pedaço do sul da Ilha nos idos de 1954, com 21 anos de idade, para fazer as primeiras instalações elétricas no lugar. A Celesc ainda nem havia sido criada.

Antes, em um rompante típico dos 18 anos, decidira aventurar. Despediu-se da família e, sem rumo definido, “não tinha nada a perder”, foi parar em Joinville. Trabalhou em uma cervejaria e depois na Empresul, a antiga concessionária de energia da cidade. Mas não suportou as pressões da mãe implorando sua volta. Retornou ao lugar onde nasceu, no bairro da Costeira do Pirajubaé. Empregou-se na Elffa (Empresa de Luz e Força de Florianópolis).

Foi lá no Ribeirão que conheceu a esposa, Leontina Leonor de Fraga, nativa da Caiacanga, extremo sul da Ilha. E com ela viveu durante todos esses 63 anos.

O Homem da Luz fazia de tudo: instalava a rede, ligava consumidores, consertava defeitos dentro e fora das casas, cobrava a conta e cortava a luz de quem não pagava.

De fala fácil e memória prodigiosa, Isidro guardou uma penca de histórias engraçadas e folclóricas. Em encontros divertidos em sua casa no Ribeirão e na sede da Apelesc, contou-nos algumas delas, registradas nos livros Rádio Peão e Histórias de Luz.

Naqueles “tempos duros, mas felizes”, o meio de transporte eram as próprias pernas ou, no máximo, uma bicicleta. Quando necessitava carregar postes, pedia emprestada uma junta de boi carreiro. Ou o amigo Aparício lhe cedia um caminhão Chevrolet 1942. O primeiro fusca só apareceu por lá em 1965.

Embora as feições aparentem um sujeito enfezado, autoritário, ele era amigo da comunidade, tinha “o coração do tamanho de um boi”, prestava favores, atendia a todos com cortesia. Sua atividade no bairro não se limitou à eletricidade. Foi um dos diretores que, em 1971, recuperou o Clube Bandeirantes, então falido. Com a ajuda do Zeca do Candonga, do compadre José Eleodoro e do famoso Valdir gaiteiro, todos empoleirados no caminhão do sargento Esperanto, da Base Aérea, percorreram o Ribeirão

angariando sócios. Quem negaria um pedido daquele “que nas horas difíceis nos atende a luz”?

Em 1981, trabalhando na Armação do Pântano do Sul no alto de um poste, desequilibrou-se e tomou lá de cima. Estava com 48 anos de idade. Foi aposentado por invalidez.

Mas o Homem da Luz não foi talhado para ficar em casa. Em fevereiro de 1988, quando “soube que o pessoal do sindicato estava falando em uma associação de aposentados” uma centelha na mente não lhe deu mais sossego. E embora a turma do contra apregoasse que a associação iria dar em nada, que era perda de tempo, ele foi conversar com Vitor Schmidt argumentando que “para nós é bom e para os ativos também, pois serão futuros aposentados”. Quando Vitor o convidou para ser o presidente da nova associação, ele retrucou “eu, com apenas a quarta série primária?”. Na assembleia que o elegeu por aclamação sentiu um frio na barriga e refletiu “um matuto como eu pegar uma associação tão importante, mas tenho que fazer alguma coisa”.

O Homem da Luz iniciou a Apelesc com um livro de atas e um livro caixa que adquiriu com seus próprios recursos. Mas em menos de um ano havia conseguido melhorias nas complementações dos salários mais baixos, pagamento de décimo terceiro salário para aposentados e pensionistas e atendimento dentário. Na assembleia que o reeleveu, ele pôde anunciar a extensão do plano de saúde a aposentados e pensionistas.

O Homem da Luz extrapolou o bairro do Ribeirão. Isidro Domiêncio Pinheiro tornou-se um símbolo, um patrimônio dos empregados e aposentados da Celesc em todo o Estado de Santa Catarina.

O Homem da Luz, também chamado Isidro da Luz, ou ainda Seu Isidro, foi embora neste sábado, 9 de fevereiro, deixando órfãos não apenas os filhos, mas uma infinidade de amigos e admiradores.

Sua luz permanecerá entre nós.

"O Homem da Luz extrapolou o bairro do Ribeirão. Isidro Domiêncio Pinheiro tornou-se um símbolo, um patrimônio dos empregados e aposentados da Celesc em todo o Estado de Santa Catarina"

MINISTRO APOIA ATAQUES À ELETROBRAS

Em ofício, MMÉ parabeniza Pinto Jr. por ataque contra trabalhadores

O Ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, encaminhou ofício ao Presidente da Eletrobras, Wilson Pinto Jr., apoiando os ataques aos direitos dos trabalhadores e a continuidade do processo de privatização da maior empresa de Energia Elétrica da América Latina. De acordo com o texto, Albuquerque manifesta apoio à: “redução de custos; maior eficiência na utilização de recursos e melhoria na governança, tanto na Holding quanto em suas controladas”. Em outras palavras, o Ministro manifestou apoio do Governo Federal à pior gestão da história da Eletrobras, dando carta branca para a retirada de direitos, ataques e demissões, além de projetos de capitalização para venda da Eletrobras e de suas subsidiárias.

Durante a campanha eleitoral, o então candidato, Jair Bolsonaro afirmou que a Eletrobras não seria privatizada por ser estratégica para o Brasil. Em pouco mais de um mês a mentira foi desmascarada. Reverberando o anunciado por Paulo Guedes, Ministro da Economia, o Secretário de Desestatização e Desinvestimentos do Governo Federal, Salim Mattar, anunciou logo após o desastre de Brumadinho (consequência das privatizações), que apenas Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e Petrobras continuariam estatais. O ofício enviado pelo Ministro de Minas e Energia apoiando a gestão de Pinto Jr. e os ataques contra os trabalhadores reforçam o caráter mentiroso da campanha presidencial e a clara intenção de entregar o patrimônio público a preço de banana.

PRESTANDO CONTAS DO MANDATO

Percorrida do Conselheiro inicia debate com celesquianos



Iniciou nesta segunda-feira, dia 11, a percorrida do Conselheiro. Em conjunto com a Interce, o conselheiro eleito pelos trabalhadores, Leandro Nunes da Silva, percorrerá todo o estado conversando com os trabalhadores. Questões como a nova realidade política e econômica e os impactos para os direitos dos empregados dividem a pauta com a recente escalada das faturas de energia e a dificuldade da nova gestão da empresa em informar a população, impactando negativamente na imagem da Celesc. Além de tratar dos desafios deste ano, o conselheiro apresentará as lutas e conquistas do ano de 2018, prestando contas das ações desenvolvidas em conjunto com os sindicatos. Realizada desde 2015 e prevista para se estender até o mês de março, a percorrida já faz parte do calendário de atividades dos trabalhadores, fortalecendo a união da categoria.

LV

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação da INTERCEL e da INTERSUL
 Jornalista responsável: Paulo G. Horn (MTE 3489/SC)
 Conselho Editorial: Patrícia Mendes
 Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC | CEP 89216-000 |
 E-mail: sindso@terra.com.br

As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

FALTA DIÁLOGO, MAS SOBRA PROPAGANDA

Comunicação falha, autopromoção e negativa ao diálogo com sindicatos marcam início da gestão do presidente Cleicio

Após sucessivos adiamentos de reuniões com a Interce, um informe encaminhado aos celesquianos pela Comunicação da Celesc demonstrou que o presidente da empresa, Cleicio Poleto Martins, não compreendeu até agora o papel dos sindicatos na gestão da empresa. Ignorando o histórico de construção coletiva e de gestão participativa que aproxima realmente os trabalhadores da gestão da empresa, dando voz aos celesquianos, o presidente prioriza uma percorrida inócua e propagandista. Divulgando a percorrida e a “Agenda Propositiva” da Diretoria, o comunicado trata os sindicatos como “público externo”, como se os dirigentes sindicais não fossem todos trabalhadores da empresa e os assuntos pautados pela Interce não fossem todos relacionados às conquistas, direitos e anseios da categoria. Pior: ao relegar os sindicatos ao escanteio, Cleio demonstra não conhecer a importância das entidades sindicais em todo o processo de manutenção da concessão, desafio principal da Celesc. Com as críticas da última edição, a presidência entrou em contato com a Interce, mas a situação não evoluiu. Apesar dos sindicatos se colocarem à disposição imediata para o debate, a reunião não foi agendada.

Entretanto, se falta diálogo, sobre propaganda.

A publicidade de empresas pública deve ser exclusivamente para fins educativos e institucionais. A constituição autoriza a propagação de conteúdo informativo, educativo ou de orientação social, ou seja, no caso da Celesc é permitido informar a população sobre questões importantes e orientar sobre a utilização correta da energia elétrica e seus riscos. Este, pelo menos, deveria ser o foco da publicidade da Celesc. Entretanto, a falta de uma comunicação eficaz com a sociedade ficou evidente nos últimos tempos, com a escalada das reclamações do aumento nas contas de energia. Os veículos de comunicação do Estado estão em uma verdadeira campanha contra a empresa. Notícias se espalham com a agilidade que a tecnologia permite, jogando a imagem da empresa no lixo. E, ao invés de atacar o problema com pró-atividade, informando a sociedade, defendendo a empresa e os seus trabalhadores, a comunicação da empresa continua falha e ineficaz. De acordo com a política de comunicação corporativa da Celesc, divulgada no site da empresa (www.celesc.com.br), “zelar permanentemente pela imagem institucional do grupo” é uma das diretrizes básicas a ser observada. E, em tempos de conectividades, as redes sociais deveriam ser um grande aliado no compartilhamento de informações na defesa da Celesc Pública. Numa breve análise das três redes sociais mais utilizadas, Facebook, Twitter e Instagram, verificamos a falta de uma comunicação efetiva sobre a questão das faturas. O twitter da companhia (@Celescinforma) é o que mais se aproxima da comunicação educativa e informativa. Com atualizações constantes, dá informações educativas sobre a fatura, sobre os riscos da energia elétrica, dicas de economia, além de informações regionalizadas do trabalho da empresa. O facebook também cumpre o papel educativo e informativo. Já o instagram, este fica muito aquém do que deveria. Com 18 publicações na conta (considerando a data de produção desta reportagem) apenas 5 cumprem o papel de informar e educar, premissas da publicidade de instituições públicas. As 12 outras são publicidade pessoal do presidente, enaltecendo sua figura na percorrida. Mas é para isso que serve uma rede social da empresa? Óbvio que não. Muito menos em um momento onde a comunicação com a sociedade peca.

O diálogo não pode ser só um discurso vazio. Quanto tempo mais o presidente ficará fechado ao debate com os sindicatos. A categoria tem sido hostilizada pela deficiência da empresa na comunicação. E, com a mordada colocada nos regionais, a questão só piora. Defender a imagem da Celesc Pública é compromisso dos sindicatos da Interce e, já que o presidente não nos ouve, talvez leia e, enfim marque a reunião para que estas demandas e os anseios dos trabalhadores sejam ouvidos, debatidos e que nosso lema volte a levantar a imagem da empresa: CELESC PÚBLICA, BOM PARA TODO MUNDO!

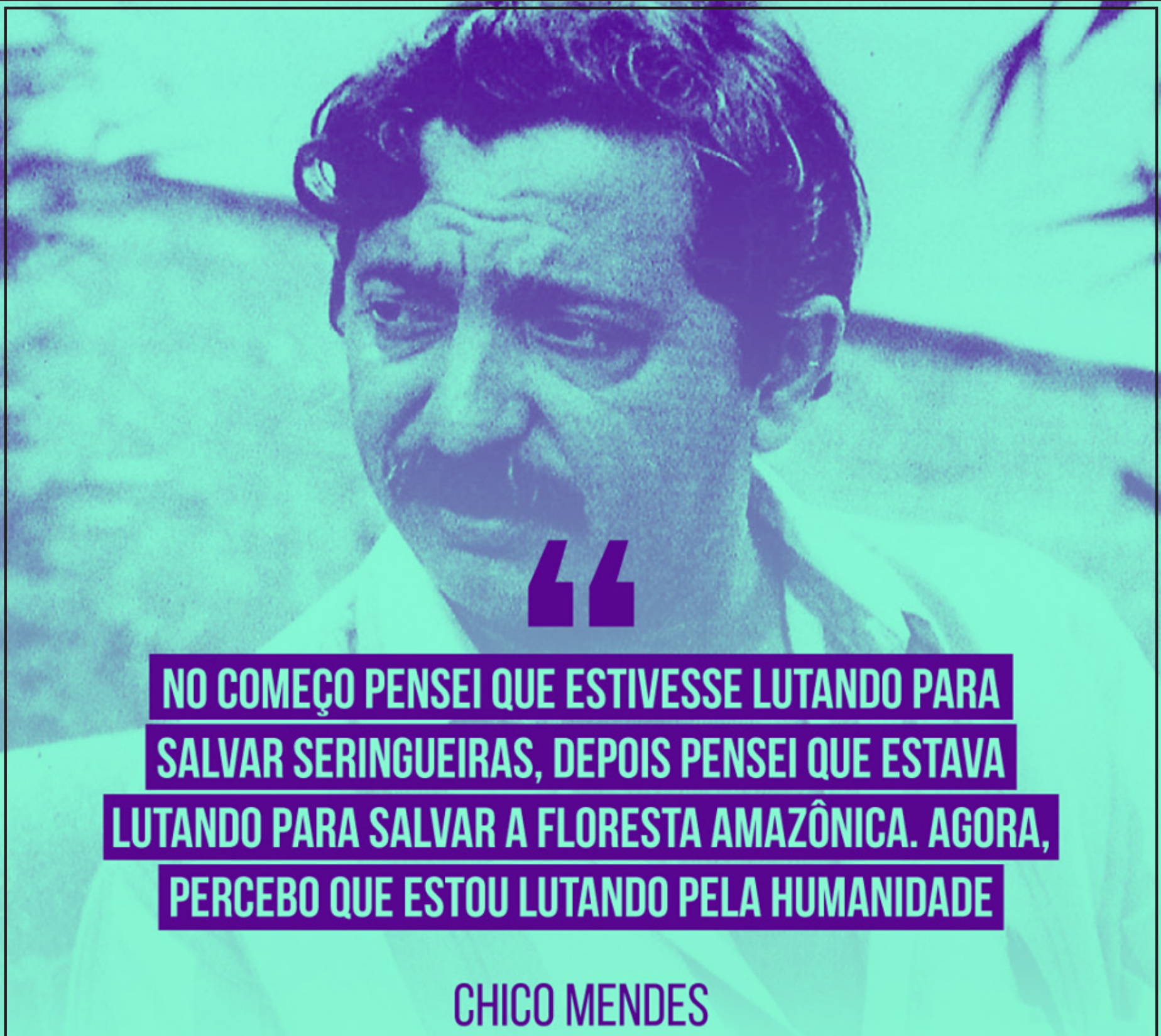
PRIVATIZAÇÃO

TST CRIMINALIZA DIREITO DE GREVE

Tribunal classifica como abusiva greve contra privatização

O Tribunal Superior do Trabalho (TST), avaliando uma paralisação de trabalhadores da Eletrobras realizada em junho de 2018, entendeu que greves contra a privatização de estatais é abusiva. Os magistrados avaliaram por quatro votos a dois que a greve não pode ter objetivos políticos, apenas causas trabalhistas. Apoiaram a tese os ministros Ives Gandra, Renato Lacerda Paiva, Aloysio Corrêa e Dora Maria da Costa. O relator Maurício Godinho e a ministra Kátia Arruda discordaram. Segundo eles, a greves contra as privatizações podem ocorrer pela manutenção de empregos.

O Coletivo Nacional dos Eletricistas (CNE) divulgou nota repudiando a decisão do TST que criminaliza um direito constitucional dos trabalhadores. Ainda segundo a nota, a assessoria jurídica do CNE já providenciou recurso da decisão.



“

**NO COMEÇO PENSEI QUE ESTIVESSE LUTANDO PARA
SALVAR SERINGUEIRAS, DEPOIS PENSEI QUE ESTAVA
LUTANDO PARA SALVAR A FLORESTA AMAZÔNICA. AGORA,
PERCEBO QUE ESTOU LUTANDO PELA HUMANIDADE**

CHICO MENDES

Chico Mendes foi um sindicalista e não ambientalista, isso o coloca num ponto específico da luta de classes que compreendia a união dos Povos Tradicionais (Extrativistas, Indígenas, Ribeirinhos) contra a expansão pecuária e madeireira e a conseqüente devastação da Floresta. Essa visão distorcida do Chico Mendes Ambientalista foi levada para o Brasil e a outros países como forma de desqualificar e descaracterizar a classe trabalhadora do campo e fortalecer a temática capitalista ambiental que surgia.

A substituição da borracha pela pecuária levou à especulação fundiária e ao desmatamento de grandes extensões de terras impedindo a permanência nos seringueiros na floresta. Na época, o sindicato era presidido por Wilson Pinheiro, que junto com Chico e outros seringueiros reuniam suas famílias, iam para as áreas ameaçadas de desmatamento, desmontavam os acampamentos dos peões e paravam os motosserras. Em decorrência desse movimento de resistência, em 1980, Wilson foi assassinado dentro da sede do sindicato. Três anos depois, Mendes assumiu a presidência do Sindicato de Xapuri, cargo que exerceu até a sua morte.

Chico Mendes liderou o 1º Encontro Nacional de Seringueiros, durante o qual foi criado o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), em 1985. Do Encontro saiu “A União dos Povos da Floresta”, demonstrando que índios e seringueiros não eram inimigos, mas sim companheiros de uma causa comum e que estavam sofrendo as mesmas injustiças. Que ambos eram perseguidos por grileiros, latifundiários, madeireiros ilegais e por forças do capital que ambicionavam as terras indígenas, reservas extrativistas e quilombos.

Chico Mendes sabia que sua vida corria risco e chegou a escrever em uma carta em 1988, mesmo ano de sua morte, que “se um mensageiro descesse do céu e garantisse que minha morte ajudaria a fortalecer nossa luta, ela até valeria a pena. Mas a experiência nos ensina o contrário. Não é com grandes funerais e manifestações de apoio que iremos salvar a Amazônia. Eu quero viver”. Nesse ano, Chico havia viajado pelo país e ao voltar Xapuri foi morto com tiros de espingarda no peito, quando saiu para o quintal de sua casa, na noite de 22 de dezembro, poucos dias depois do seu aniversário, no dia 15. O assassino foi Darcy Alves da Silva que cumpriu ordens do seu pai, o fazendeiro Darly Alves da Silva

Em sua luta, construiu políticas públicas e iniciou uma transformação social na região Amazônica, ao mostrar ao mundo a ideia de uma floresta habitada, sustentável. Ele se tornou patrono de órgão de proteção do meio ambiente, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), além de um prêmio do Ministério do Meio Ambiente, criado em 2002 com o objetivo de valorizar e incentivar iniciativas de proteção que contribuam para a promoção do desenvolvimento sustentável da região amazônica brasileira.

